

Entrevista >> POR RITA BRIDI rbridi@redgazeta.com.br**Oscar Motomura** >> EDUCADOR, CONSULTOR E SÓCIO FUNDADOR DA EMPRESA AMANA-KEY

THIAGO GUIMARÃES/SECOM

“A verdadeira crise é a de valores”

Para Oscar Motomura, a deterioração dos valores é mais grave do que crise financeira, climática e outras

**esquecida, não?**

Existem equívocos que começam lá na infância. A educação toda deveria ser centrada em valores e não simplesmente em passar conhecimento, que fica até rapidamente obsoleto. Passar conhecimento sem ética é perigoso, porque você não sabe o que a pessoa vai fazer com o conhecimento que adquire. A essência da educação é educar em valores, respeito às pessoas, ética naquilo que faz, se preocupar com os outros, não deixar rastros. Há pessoas que por onde passam vão deixando um monte de lixo. O que significa isso? É você se interessar pelo bem-estar do outro, nos pequenos atos do dia-a-dia.

■ ■ E esse mundo que temos hoje com riqueza para poucos, aumento da miséria e da pobreza para muitos e a violência crescente que atinge a todas as faixas da população é resultado do quê?

Da deterioração de valores. Quais são as causas de raiz dos problemas? Qual é a causa da causa, da causa, da causa dos problemas que a gente enfrenta? Essa é a postura mais relevante dos líderes: não deixar que as pessoas fiquem discutindo causas superficiais, sintomáticas. O verdadeiro trabalho do líder é conduzir as pessoas para pensarem profundamente sobre as coisas ao seu redor e fazer com que consigam chegar às causas de raiz. Porque somente atuando sobre as causas de raiz, que a gente consegue resolver um monte de problemas.

ÉTICA. Para o consultor, a ética é a solução para todos os problemas. “É a escolha pelo bem comum. Tudo o que eu faço, se é pelo bem comum, é ético”, diz

■ ■ De todos os títulos que possui em sua bem sucedida carreira, Oscar Motomura prefere ser reconhecido como educador. E como educador, chama a atenção para o que considera a mais grave crise que a sociedade enfrenta: a deterioração de valores e a falta de ética. “Passar conhecimento sem ética é perigoso, porque você não sabe o que a pessoa vai fazer com o conhecimento que adquire”, adverte. Destaca que a crise gera a economia da abundância, e que o momento é de realizar trabalhos significativos. Na última segunda-feira, ele esteve em Vitória para ministrar palestra a 80 gestores do governo estadual, os encarregados da elaboração do planejamento estratégico para os próximos dois anos.

■ ■ Em períodos de crise as dificuldades aumentam e os recursos ficam escassos. O que fazer para obter bons resultados?

Estamos acostumados a viver no que eu chamo de economia da escassez. Nessa economia, se alguém ganha, alguém perde. Essa é a idéia básica que está introjetada na cultura das pessoas. É a hora extraordinária de mudar a cultura e entrar na economia da abundância, que significa que eu posso fazer as coisas de um jeito tal que nós dois ganhamos muito. É a busca de um sistema de vida e de relação que faça os recursos se multiplicarem.

balhos que deem dignidade às pessoas, não qualquer trabalho. Emprego e renda, inclusive, é limitante, porque nós devíamos falar de trabalho e não emprego.

■ ■ O que é, exatamente, trabalho significativo?

“O recurso mais importante que nós temos para vencer a crise é a nossa criatividade e a nossa generosidade de fazer coisas juntos”

É um trabalho que você sente que está fazendo diferença para construir alguma coisa. Existe uma diferença enorme entre emprego e trabalho. Emprego é alguém criar um emprego e dar para o outro. Temos vários casos de pessoas que criam trabalhos significativos para si. Eu posso ser empregado de uma empresa, mas pela minha criatividade, eu crio um serviço que começo a prestar como autônomo, invento um negócio. Se a gente incentivar as pessoas a inventarem esses trabalhos significativos é impressionante o que pode acontecer numa economia como esta.

Perfil

■ ■ OSCAR MOTOMURA, 62 anos, se define como educador e especialista em gestão, estratégia e liderança de organizações complexas do setor empresarial e da área pública.

■ ■ É FUNDADOR e presidente da empresa Amana-Key, um centro de excelência em gestão de alcance mundial com núcleo em São Paulo.

■ ■ MAIS DE 30.000 executivos de todos os estados do Brasil já participaram dos programas

avançados de gestão e dos “advances” de reinvenção da Amana-Key.

■ ■ COMEÇOU sua carreira no Brasil numa multinacional da área financeira, onde chegou à posição de alta administração aos 26 anos de idade.

■ ■ É PAULISTANO, formado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas e mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, com especialização em Harvard.

olhar e avaliar que espaços novos essa crise está abrindo.

■ ■ Há um setor que pode se beneficiar mais, que pode gerar mais oportunidades, em razão da crise?

Tenho falado muito sobre a área de serviços. Que é olhar as necessidades que existem na sociedade, o que as pessoas precisam, e você oferecer esses serviços. Porque nós estamos, às vezes, presos a uma idéia de uma indústria, um produto que você cria, estamos presos a produtos e a empregos. Mas essa é uma era que já está acabando. A era da informação cria todo um campo de trabalho totalmente

veis e precisam ser assim. Mas tem todo um dia-a-dia que é implanejável. A ideia é que esse dia-a-dia, que depende da criatividade humana, não tenha espaço de um planejamento. Eu costumo dizer que todo planejamento tem uma parte mais previsível e planejável e tem uma outra que você dá liberdade, senão estabelece burocracia. Porque é, na verdade, a própria população e todos os seus segmentos que vão criar coisas extraordinárias no dia-a-dia. Estratégia é uma coisa que você não pensa uma vez por ano, é no dia-a-dia. Surgiu um negócio novo, aprendi sobre uma nova

neutra, como tecnologia. Eu posso colocar tecnologia ou uma ferramenta a serviço de algo, a serviço de uma guerra, a serviço da paz, a serviço da felicidade das pessoas ou para aumentar o PIB. Eu costumo dizer que aumentar o PIB sem falar de distribuição é bobagem. Podem me dizer: estou crescendo a 5% a 6% ao ano, mas se não me falarem como é que esse crescimento está beneficiando a população, eu não sei se está tendo sucesso ou não.

■ ■ Se o crescimento continuar concentrando a riqueza....

Claro, você pode engordar o bolo mas não está distribuindo, e o povo está ficando infeliz. Quando a ferramenta, a tecnologia e o planejamento são colocados a serviço de um objetivo nobre – a felicidade das pessoas e o bem comum –, ele é sempre útil. A pergunta chave é: eu estou colocando isso a serviço de quê? Essa pergunta, de caráter existencial, é fundamental para que a gente faça bom uso de todo esse conhecimento que a gente vai desenvolver.

■ ■ Além da crise financeira, o planeta enfrenta os reflexos das mudanças climáticas. Os governantes, os gestores, estão preocupados com o desenvolvimento sustentável?

A gente pode falar de crise econômica, de crise em relação ao

Os valores deteriorados precisam ser restaurados em todos os segmentos e em todos os momentos de nosso dia-a-dia?

Em todos. Porém, temos que olhar e dizer: existem muitas famílias disfuncionais, as crianças não tem pais, ou não tem pai ou não tem mãe, a mãe não tem condições de cuidar. Tem que olhar essa realidade real, não pode ficar no teórico. A gente tem que olhar essa realidade e o

“Precisamos criar trabalhos significativos, trabalhos que deem dignidade às pessoas, não qualquer trabalho”

Estado, mais uma vez, tem que cuidar disso. Porque senão os traficantes é que vão cuidar dessas crianças abandonadas.

■ ■ E já estão cuidando ...

Já estão cuidando muito, agora essa é uma responsabilidade que eu considero da sociedade como um todo. Das associações de bairros, da própria vizinhança. Se a vizinhança não cuidar dos menores abandonados, eles serão os criminosos de amanhã. Então, é uma responsabilidade

■ ■ Como colocar em prática essa a tese?

Eu conto muito a história de como produzimos vários vídeos e ninguém botou dinheiro. As quatro instituições envolvidas são de amigos e de pessoas que se confiam. Se existe essa confiança mútua, a gente gera milagre, nas comunidades pobres vemos muito isso. Como uma pessoa consegue viver com o salário mínimo? Consegue porque tem muito mais ajuda e tem solidariedade, os vizinhos se ajudam, se solidarizam. Confiança, solidariedade, parcerias; essa é a forma de chegar lá.

■ ■ Uma das direções do governo estadual para enfrentar a crise é priorizar ações geradoras de emprego. O senhor concorda?

A geração de empregos pode também nos prender no conceito, porque no fundo, no fundo, temos que ir além. A gente precisa criar trabalhos significativos, tra-

■ ■ A ideia do trabalho significativo se aplica também ao setor privado?

Sim, mas o setor público tem uma responsabilidade porque pode criar o contexto que incentive pessoas a criarem seus próprios trabalhos em vez de ficar esperando que um empregador, uma empresa crie empregos. A mensagem não é para as empresas criarem empregos. A mensagem é: seja criativo, veja as necessidades ao seu redor e crie um trabalho significativo para você.

■ ■ Na crise, as oportunidades aumentam ou retraem?

Nos períodos de crise, as oportunidades antigas diminuem e surgem oportunidades absolutamente inéditas e novas. O antigo encolhe, mas por outro lado, abre janelas e portas para a criação do novo. Essa é a grande oportunidade. Então, em vez de chorar sobre as coisas que estão mudando e diminuindo, o fundamental é

criar um trabalho totalmente inédito. Aí tem aquela pessoa que está trabalhando em casa, que está fazendo design de coisas para a web, faz tradução.

■ ■ São aquelas pessoas que saem do modelo de patrão, de carteira assinada...

Mas isso já está acabando há décadas e ainda a gente insiste que esse é o caminho. Não é mais. Então, o próprio governo ao comunicar essas coisas, incentivar que as pessoas criem trabalhos para si, estará prestando um serviço extraordinário para a evolução da própria sociedade.

■ ■ Os governos, de uma maneira geral, têm planejado suas ações. O planejamento tem contribuído para melhorar os resultados?

Dependendo da forma de fazer, sim. O planejamento é fundamental para planejar o longo prazo. Essas coisas de longo prazo são altamente planejá-

veis, aprenda sobre uma nova tecnologia eu já estou pensando estrategicamente. Essa é a cultura que tem que ser instalada no serviço público e na sociedade também.

■ ■ No geral, o planejamento tem beneficiado a sociedade, ou a ferramenta continua não sendo bem usada?

Tudo depende da intenção. A ferramenta é absolutamente

“Podemos falar de crise econômica, de crise em relação ao clima e de outras, mas a verdadeira crise é a de valores. A deterioração dos valores determina uma série de outras crises”

de valores, aprenda sobre uma nova tecnologia eu já estou pensando estrategicamente. Essa é a cultura que tem que ser instalada no serviço público e na sociedade também.

■ ■ Qual é a definição de ética?

É a escolha pelo bem comum. Tudo o que eu faço, se é pelo bem comum, é ético. É aí que a gente começa a ver o que significa a vida em sociedade. Quando todas as pessoas estão fazendo coisas para si, mas estão ao mesmo tempo trabalhando para todos, aí a sociedade vai muito bem. Agora, no momento em que a ganância, o egoísmo e a fragmentação é o que existe, é o que move as pessoas, nós temos uma geração enorme de crises em tudo quanto é coisa.

■ ■ A ética anda muito

Então, é uma responsabilidade de todos, mas o governo precisa estar atento a isso e criar serviços para poder ajudar essas crianças todas que não têm pais, ou que têm pais disfuncionais. Às vezes, em algumas famílias, é melhor ficar fora de casa do que dentro. Essa situação está criada, é parte da realidade.

■ ■ Há que se encontrar uma solução para essa situação que já está criada.

Sim. Por isso que uma das coisas mais importantes do planejamento estratégico, qualquer coisa que seja uma deliberação do próprio governo ou de empresas é ir até à solução. Porque culturalmente existe também muita queixa e muitos diagnósticos na sociedade como um todo. O que se conversa nos bares e nos corredores? Diagnósticos e críticas. O que está faltando? Soluções, ações que levem a resolver problemas, senão a gente não chega lá.